



ONDJAKI O LIVRO DO DESLEMBRAMENTO

Romance



era um bar pequeno, ali no Makulusu, onde sempre aos sábados o tio Chico ia buscar o gelo;
muitas vezes só havia gelo
e um bocado de conversa.

o camarada atrás do balcão estava sempre muito mal-disposto, mexia-se devagar, nunca tinha comida para acompanhar as cervejas bem geladas, ia lá dentro, entrava num quartinho pequeno com cheiros muito antigos, e mudava a botija

aquela botija que dava gás à cerveja de barril

o tio Chico pedia duas cervejas, uma para ele e uma para a tia Rosa, uma gasosa para mim, mas já sabíamos que o camarada ia dizer que não tinha chegado gasosa, eu ia beber um sumo *tang* de pacote, ainda por cima todo aguado e nem havia gelo para disfarçar na temperatura

– e açúcar?

– ainda

– ainda quê?

– ainda não chegou

o Hugo então chegava

ele tinha uma voz muito grossa e era muito grande, mas nenhuma criança tinha medo dele, parecia um gigante simpático e coçava sempre os bigodes devagarosamente

depois chegava o Mogofores e a mulher

o Mogofores tinha esse nome esquisito que eu até nunca perguntei quem lhe tinha castigado assim, e tinha uma mulher muito feia, que tinha vindo de Portugal e trocava algumas letras das palavras

na minha escola quando contei ninguém acreditou, mas em vez de vaca ela dizia «baca», e ainda dizia «dibertido» e «sobaco»

mas há uma palavra que ela dizia sempre e eu tinha que fingir que estava a rir de outra coisa: a mulher do Mogofores dizia «iágua» quando queria beber água

todos riam a disfarçar, um bocadinho, menos o Mogofores

é normal, o Mogofores não podia rir da mulher dele e tinha uns olhos tristes e sempre escuros, aquilo que os mais velhos chamam de olheiras

assim era que o Mogofores devia dormir mal à noite, porque a mulher dele, além de dizer «iágua» ressonava como se fosse uma baleia com motor de *range-rover*

uma noite, no Mussulo, todos acordámos só para rirmos juntos daquele barulho assim tão grande: a mulher

do Mogofores, mesmo assim que lhe puseram no quarto lá do fundo, conseguia ressonar de um modo que a porta de madeira do tio Chico e o espelho estremeciam cada trinta segundos da respiração dela

– uma berdadeira valeia!

o tio Chico é que gozava

a mesa começava a ficar animada quando no bar pequeno chegava o senhor Osório

– traga mais cadeiras, camarada

sabíamos pelo barulho do *opel* dele, um carro daqueles de pôr mudança assim perto do volante, tipo alavanca inclinada

era um *opel record* amarelo e bem sujo, funcionava a gasóleo e era preciso esperar a luz amarela acender antes de dar arranque

– chegou o calças-no-sovaco

o tio Chico dizia

todos riam, menos o Mogofores

o Osório chegava com o riso dele sempre pendurado na boca, os óculos muito grandes a escorregarem num calor de fim de tarde, as calças muito puxadas para cima, quase a baterem nos sovacos

e antes de sentar ainda puxava um bocadinho mais

– há gasosa?

– ainda

ainda podia chegar o Lima com os olhos muito vermelhos, os lábios muito inchados

o Lima trazia uma pasta castanha muito gasta presa em baixo do sovaco, e tanto a camisa dele como a pasta estavam sempre molhadas de suor

tinha no bolso da camisa um lenço verde para limpar a testa mas não adiantava, o Lima suava com vontade já a pedir cerveja e torresmos

– camarada, tem torresmos?

– ainda

se calhar ia aparecer um pires com pipocas oleosas e antigas ou mesmo uns fritos tipo pastel de bacalhau mas sem sabor a bacalhau

o tio gostava daquele bar porque aquele camarada guardava sempre um barril para o tio Chico e esse barril estava sempre «bem geladíssimo», como dizia o Hugo faziam um silêncio no meio da conversa

alguém ia me pedir para eu contar uma anedota, mas eu tava fraco, queria mesmo era uma gasosa

um jacó atrás do balcão disse muito alto, «tou certo ou tou errado?», e todos assustaram porque a voz era igualita à do Zeca Diabo

riram, o silêncio voltou

a mulher do Mogofores arrotou como se fosse o maior homem da mesa e até o jacó se assustou

o Mogofores ficou um bocadinho envergonhado, mas não disse nada, bebeu o resto da cerveja quente dele

o Hugo olhou para mim

– querias gasosa, né?

– sim

– não queres esta cerveja bem geladíssima?

– não gosto

– a gasosa deve estar a chegar

– ainda

todos riram, não entendi porquê

a tia Rosa puxou o meu corpo para o dela e eu deixei-me estar assim meio adormecido no meio daquele ruído de risos e vozes

olhei cada um daqueles mais-velhos, reparei nas roupas e nas caras deles, nas mãos e nos anéis, nas vozes e nos olhares, a mulher do Mogofores arrotou mais uma vez, o Mogofores pegou na chave do carro dele e começou a despedir as pessoas, o jacó imitou a fala do professor Astromar Junqueira: «posso penetrar?»

o tio Chico olhou para a tia Rosa e começou a cantar

– não venhas tarde... dizes-me tu com carinho...

ela deu-lhe um muxoxo bem alto e demorado, mas ele continuou

– sem nunca fazer alarde, do que me pedes baixinho...

enquanto se despedia com uma mão, com a outra mão a mulher do Mogofores atacava o pires das pipocas oleosas e chupava os dedos para aproveitar bem todas as gotas de gordura

o tio Chico esfregou a mão na barriga dele

o Hugo coçou o bigode a não ver que eu tinha visto restos de espuma branca presos do lado esquerdo

a tia Rosa me segurava a fazer movimentos assim invisíveis que só eu sentia, parecia que estava a apertar melhor um cinto de segurança

passavam muitos suores no ar

do camarada do bar, de nós, das pessoas que passavam na rua, menos do senhor Osório, o senhor Osório nunca cheirava a nenhum cheiro a não ser a água do

colono que ele punha todos os dias e a toda a hora, até antes de ele chegar num lugar já sabíamos que era ele, com o cheiro todo espalhado pelas bochechas, pescoço e as calças todas puxadas para cima com medo que fossem cair

as árvores não queriam estremecer de nenhum vento

o jacó ainda parecia que ia assobiar mais, só que de repente – adormeceu, ainda um dia alguém ia inventar uma estória a dizer que era um jacó cheio de sono que bocejava enquanto sonhava.

em Luanda, cadavez uma pessoa não sabe passar um dia só sem inventar uma estória.

*era pequenino, eu, quando fui à escola pela primeira vez;
ainda nem sabia andar de bicicleta, vestia uns calções azuis
e sandálias de tiras quase a rebentar.*

era uma manhã bonita com andorinhas na casa da
tia Iracema

mas eu estava triste

nos últimos dias falaram-me muito sobre a escola,
para eu não ter medo, mas as coisas do medo não des-
funcionam só assim com modos de falar.

– quem não vai à escola fica maluco

eu dizia à minha mãe

enquanto saía do banho na noite anterior

– e os malucos comem no contentor do lixo

a minha mãe me enxugava o corpo com as mãos
da ternura dela, o meu pai era mais direto a falar nesse
assunto

– amanhã, depois do matabicho, vais à escola!

parece que as mães sabem umas coisas dos filhos
que os pais não sabem, eu nunca tinha ido à creche,

berrava desde de manhã até ao fim da tarde, e a minha mãe não gostava de me encontrar assim com os olhos vermelhos e inchados

até ao dia que a camarada diretora da creche pediu à minha mãe para não me levar mais lá

a minha creche foi na casa da tia Rosa, com a gaiola das rolas, o quintal cheio de cerveja e a música do Roberto Carlos durante a tarde, mas a escola já era outra coisa

a minha mãe ficou a olhar para mim enquanto o meu pai falava

– é tão perto que podes ir sozinho

– se é tão perto, então podes me levar

ele disse que sim

nessa noite não gostei muito de ver a telenovela e só queria fazer muitas perguntas

– mas quantas horas é que fico lá?

a mana Tchi que já estava na escola há um ano ia respondendo a tudo assim a rir e a olhar para a minha mãe antes de responder

– os meus amigos também vão estar nessa tal de sala de aulas?

a minha mãe disse que achava que sim, que alguns da minha rua, da mesma idade, também poderiam aparecer lá, de manhã

no dia seguinte o meu pai acordou-me para eu ir matabichar com ele, a minha mãe ficou lá em cima a fazer outras coisas, cadavez eu ficava mais triste e com vontade de chorar, afinal já não me apetecia nada ir à escola

– pai, mas todos mesmo que não vão à escola ficam malucos, ou só alguns poucos?

o meu pai apontou para o pão que eu quase não tinha comido ainda

– tens de ir à escola, filho, para aprenderes muitas coisas

ele tomava o leite dele muito quente com café a escurecer essa mistura bem cheirosa

olhei o abacateiro, que bonito: o corpo dele tinha uns desenhos que pareciam uns rios só que sem água ou então pareciam as mãos enrugadinhas da avó Chica

o meu pai olhou as horas

– vamos?

– mas ainda nem fiz xixi

ele ficou à espera, ali, na porta aberta da casa de banho

fiz um xixi vagaroso mas não dava para demorar mais porque já tinha feito de manhã cedo, sacudi a pilinha para não sujar a cueca

– vamos, filho

– não vou dar um beijinho à mãe?

– a mãe tá ocupada lá em cima

– a mana Tchi não quer vir connosco?

– a Tchissola estuda à tarde

já não tinha mais coisas para falar

lembro do barulho bonito das andorinhas enquanto eu tive que atravessar a varanda e o jardim, de mãos dadas com o meu pai, nunca aquele bocado de caminho me custou tanto, olhei para dentro de casa e o corredor

estava escuro, mas ainda vi, assim meio escondidas,
a minha mãe e a mana Tchi

o pai fechou o portão pequeno, a escola era ali
mesmo em frente de casa e até podia entrar por um
buraco no meio das trepadeiras

mas ele disse que tínhamos de entrar pelo portão
principal

chegámos lá

distraí-me um bocado com as vozes de tantas crian-
ças a falar tanto logo de manhã, eram crianças contentes

vi o tio Dibala de mãos dadas com o Kiese, a tia Dina
com o Helder, os outros miúdos eu não conhecia mas
pareciam alegres com essa coisa do primeiro dia de aulas

pensei que a escola era um lugar com tantas cores
e muita gritaria

o tempo passou um bocadinho

alguns miúdos, pequeninos, começaram a chorar
quando os pais deles foram embora, as meninas não
choravam tanto

o meu pai quis ver-me a entrar na sala de aulas,
cumprimentou uma senhora e ainda veio falar comigo

– esta é a camarada Ana Maria, vai ser a tua pro-
fessora, porta-te bem

ela deu-me a mão, a mão dela estava fria

ou então era a minha, chamei o meu pai para lhe
dar um beijinho, falei bem baixinho

– pai... não quero ficar aqui, posso ir contigo para casa?

– não, filho – ele falou devagarinho – tens de ficar
aqui, as aulas acabam às 10 horas, depois vais para casa
e encontras a Tchissola, a mãe e o camarada António

fiquei a olhar o pátio quase vazio

o meu pai ia a fumar e saiu pelo portão principal,
a tal camarada professora ficou a falar muito tempo
com uma camarada professora que se chamava Berta
só depois entrámos na sala de aulas

vi todos quietinhos e sentados, a camarada profes-
sora sentou-me numa carteira no primeiro lugar da fila
passados cinco minutos, levantei-me e fui falar com
ela

– camarada professora, posso ir fazer xixi?

a camarada professora fez que sim com a cabeça e
continuou a escrever no quadro com um giz amarelo,
devagar

peguei na minha mochila e saí da sala

o pátio estava muito vazio e, na areia toda desar-
rumada, havia mil pegadas de mil sapatos pequeni-
nos mais os sapatos dos pais e das mães de todas as
crianças

cheirava a de manhã

passei pelo buraco das trepadeiras, vi a minha casa,
atravessei a rua devagar, cumprimentei um FAPLA da
casa da tia Mambo e vi que o carro do meu pai já não
estava ali, o portão pequeno estava aberto, entrei e
sentei-me nas escadas da varanda

– ó filho – a minha mãe chegou e sentou-se perto
de mim – então não foste à escola?

– fui

– mas não ficaste lá

– não

pensei um bocadinho, tirei a mochila das costas

olhei para a relva mas não vi nenhum caracol nem só um gafanhoto, havia, sim, alguma poeira nas folhas da trepadeira

não sabia o que dizer

– a camarada professora deixou-te sair mais cedo, filho?

– sim, mãe, foi isso mesmo

o meu pai já tinha ido trabalhar, o camarada António veio espreitar a conversa, a mana Tchi chegou e sentou-se ali connosco a olhar as pessoas que passavam na nossa rua

a dona Maria limpava o passeio, a avó Leocádia se calhar ia à missa, a Ndahafa ia dar aulas

não havia barulho bom de andorinhas

– tás a pensar em quê? – a Tchi perguntou

– que as andorinhas são como o papá, já foram trabalhar.

a minha mãe riu, o camarada António também o mundo cheirava a de manhã cedo.